

## **Construção grupal de um projeto educativo a partir de uma peça teatral infantil**

Francielle Xavier Dias\*<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Uberlândia*

Rafael de Melo Costa\*

*Universidade Federal de Uberlândia*

Luiz Carlos Avelino da Silva\*\*<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Uberlândia*

Esse trabalho relata a experiência de um grupo de acadêmicos de Psicologia e um professor na construção de um projeto de educação para cidadania que visava, por meio da apresentação de uma peça teatral desencadear um diálogo educativo com crianças da 1.º ao 5.º ano do ensino fundamental, em uma cidade do interior de Minas Gerais, a partir de um contexto artístico. Entre essa meta/projeto e a realização do mesmo, inúmeros fenômenos grupais ocorreram e analisá-los, sob as considerações de Pichon Riviere e aportes de Sílvia Lane foi o objetivo desse trabalho. O processo levou à construção de um texto teatral, no qual se dialogou com a realidade do público alvo, particularmente a epidemia de dengue que assolava a cidade. Esta mudança foi incluída no texto final, assim como as características dos membros do grupo de atores/alunos, alusivas às origens étnicas, deficiências e outras diferenças significativas e diferença de rendimento acadêmico dos alunos. Também foram discutidas e incluídas questões relativas à ecologia e a preservação do meio ambiente, mesclado com personagens de histórias infantis tradicionais. Os temas relativos à inclusão foram trabalhados pelo grupo, já que existiam entre seus membros alunos com características com as quais se lida com preconceitos. Trabalhar cada um desses temas fez com que o grupo vivenciasse os conflitos, pré-tarefas, ocupasse papéis, disputasse liderança, sob a forma de valorização de personagens em um processo dialético que culminou na consciência de que o objetivo do trabalho era educativo e não teatral, o que levou ao crescimento da importância grupal de atores/personagens inicialmente encarados como figurantes. Nas apresentações propriamente ditas, para público adulto e infantil, a reação do segundo refletiu as discussões e preocupações que moveram o grupo.

**Palavras Chave:** processo grupal, educação para cidadania, grupos operativos.

### **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> \*Acadêmicos do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia

[franciellexdias@yahoo.com.br](mailto:franciellexdias@yahoo.com.br)

[phael\\_costa@yahoo.com.br](mailto:phael_costa@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> \*\* Professor Adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

[luizavelino@yahoo.com.br](mailto:luizavelino@yahoo.com.br)

Esse trabalho é fruto de uma experiência de um grupo de alunos de um curso de psicologia e um professor que, movidos pelo interesse de promover uma ação transformadora, associada à fascinação pelo teatro, se agruparam para a construção de um projeto de Educação para a cidadania, no qual a primeira ação era a montagem e encenação de uma peça teatral infantil voltada para a prevenção da dengue.

A peça fazia parte de um projeto de extensão que visava a promoção da saúde e da cidadania em escolas públicas, infantis, da cidade de Uberlândia – Minas Gerais. Por meio de personagens cômicos relacionados com histórias infantis já conhecidas, objetivava-se trabalhar temas como: dengue, higiene pessoal, deficiência física, orientação sexual, dentre outros, foram trabalhados. A idéia inicial surgiu entre conversas rápidas nos corredores ou no final da aula da disciplina de Psicologia e Arte, quando se descobriu o, até então esquecido, roteiro de uma peça sobre piolhos, que foi alvo de uma leitura pelos alunos e após a qual se cogitou o seu uso como um instrumento de intervenção.

Encerrada a disciplina o grupo inicial de alunos abandonou o projeto e por iniciativa de alguns, foi feita uma chamada geral para interessados em dar continuidade. A partir daí, constituiu-se um grupo que re-elaborou o texto peça, a ensaiou e fez algumas apresentações, não sem ter antes passado por um processo grupal que acabou acontecendo naturalmente. Relatar esse processo grupal é o objetivo desse trabalho.

## **2 O processo grupal**

O interesse pelos grupos surgiu associado à dinâmica de grupo e tornou-se um campo identificável por volta da década de 1930 nos Estados Unidos. O clássico livro de Cartwright e Zander (1967) define esses estudos como um campo de pesquisa que se propõe a desenvolver conhecimento sobre a natureza dos grupos, suas leis e inter-relações com os indivíduos.

Historicamente se considera que as primeiras pesquisas importantes sobre o tema estão vinculadas ao estudo de pequenos grupos, realizadas pelo alemão Kurt Lewin (1948), o qual afirma que o grupo social é o “terreno” aonde se baseiam todas as ações dos indivíduos. Lewin é reconhecido como o fundador da teoria dos pequenos grupos e da metodologia da pesquisa-ação em psicologia social. Para ele é no grupo que se definem os papéis e a identidade social dos indivíduos. No Research Center on Group Dynamics no Massachusetts Institute of Technology, Lewin desenvolvia pesquisas sobre aspectos psicológicos envolvidos na mudança social e as forças que impulsionam ou que resistem à mudança nos pequenos grupos.

Mailhiot (1977) aponta que o trabalho de Lewin buscava identificar que elementos existentes no grupo permitem que se atinja a autenticidade em suas relações tanto intra-grupais quanto inter-grupais, assim como a criatividade em suas atividades de grupo. Afonso (2006) mostra o grupo como um campo de forças, cuja dinâmica resulta da interação dos componentes em um campo, ou espaço psicossocial. E ressalta sua dimensão gestáltica: “O grupo não é uma somatória de indivíduos e, portanto, não é o resultado apenas das psicologias individuais e, sim, um conjunto de relações, em constante movimento” (AFONSO, 2006, p.11).

Outra contribuição para o estudo dos grupos é a psicologia social de Enrique Pichon-Rivière que parte de uma visão integrada do homem, o qual está relacionado com a circunstância histórica e social em que está inserido (Pichon, 1988). Segundo Kamkhagi (1986), Pichon-Rivière assume uma epistemologia convergente, onde todas as ciências do homem se apresentam como uma unidade operacional. Esta

epistemologia serve de base para a construção de um importante conceito de sua teoria: o ECRO, Esquema Conceitual Referencial e Operativo. De acordo com Pichon-Rivière (1988) o grupo tem como tarefa principal a elaboração deste esquema. Cada componente do grupo traz consigo um esquema de referência, a partir dos diversos esquemas trazidos, constrói-se o ECRO grupal.

O estabelecimento de uma via de comunicação no grupo pode fortalecer o ego de seus integrantes para a captação do novo e a quebra da resistência à mudança, aumentando, assim, a sua operatividade. É por meio da construção dessa via de comunicação que o grupo passa a funcionar segundo conteúdos implícitos compartilhados, os quais refletem na forma como são assumidos os papéis, que passam de fixos e estereotipados para funcionais e flexíveis (Pichon-Rivière, 1988).

O funcionamento do grupo operativo se dá através da interrelação de mecanismos de aceitação e distribuição de papéis. Kamkhagi (1986) afirma que cada membro do grupo constrói seu papel a partir e em relação com o papel dos outros. Assim, da articulação entre papel prescrito e assumido surge a atuação característica de cada membro do grupo frente ao outro. No que se refere à inter-relação de papéis Kamkhagi (1986) reforça que podem ser destacados três papéis na teoria de Pichon-Rivière: o porta-voz, o bode expiatório e o líder. Tais papéis não são estereotipados, mas funcionais e rotativos dependendo da situação a ser considerada no grupo.

O porta-voz é aquele que num determinado momento enuncia um acontecimento, seja através de palavras, gestos ou mesmo o silêncio. Através disto, ele está sendo o porta-voz de si mesmo e das fantasias inconscientes do grupo. O bode expiatório é aquele membro que se torna o depositário de todos os aspectos negativos e atemorizantes do grupo ou da tarefa. Por fim, o líder é o membro que se faz depositário dos aspectos positivos do grupo. O líder e o bode expiatório estão ligados entre si e um surge como preservação do outro. Pichon-Rivière (1988) descreve que, por vezes, o porta-voz expressa, paradoxalmente, a resistência do grupo à mudança. Com isso, ocorre uma defesa frente à transformação, pois esta significa ter que enfrentar ansiedades psicóticas tidas como graves.

Bleger (1980) traz uma importante contribuição sobre a resistência à mudança nas instituições, através da qual podemos fazer uma analogia com o estudo dos grupos, bem como o processo grupal analisado neste trabalho. Segundo ele, quanto mais imatura a personalidade, mais dependente é a sua relação com a instituição e mais difícil será toda mudança ou separação da instituição. Desse modo, a instituição, além de suas funções de controle e regulação social, assume também uma função de regulação e de equilíbrio da personalidade. Pois, parte das defesas das personalidades dos indivíduos está cristalizada nas instituições. Assim, nestas se dão os processos de reparação e defesa das ansiedades psicóticas.

Em situações de resistência a mudança o grupo se torna frágil, aglutinando-se em função da sua falta de segurança interna. Esse período é denominado por Pichon-Rivière (1988) como *pré-tarefa*. E é nesse momento que o coordenador precisa conduzir o grupo à análise sistemática dos fatores que impedem a penetração no segundo período que é a elaboração da tarefa. Diante da necessidade em realizar a tarefa, os papéis se tornam intercambiáveis e o grupo se torna operativo, pronto para encarar as tomadas de decisões. Segundo Pichon-Rivière (1988) o grupo que estava antes estereotipado adquire plasticidade e mobilidade através da tarefa.

Conforme Kamkhagi (1986) o grupo operativo é aquele que está centrado na realização da tarefa. A finalidade deste grupo é aprender a pensar possibilidades para a solução de problemas e dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal e não no

campo de cada um dos integrantes. Bleger (1980) pautado no campo do ensino acrescenta que por mais que o grupo operativo esteja empenhado em uma tarefa, o fator humano tem importância crucial na execução desta, uma vez que constitui o “instrumento de todos os instrumentos”.

No Brasil, cabe destacar o trabalho que Sílvia Lane produziu em relação aos estudos dos grupos. Esta autora afirma que o grupo é uma condição necessária para conhecer as determinações sociais que agem sobre o indivíduo, da mesma forma que sua ação como sujeito histórico. Lane (1998) critica uma idéia tradicional que é visada nos processos grupais: a perspectiva de se chegar a coesão grupal. Segundo sua argumentação a perspectiva do grupo coeso aponta para um processo acabado, onde os indivíduos estão “estacionados” em seu papel social. Portanto, nesse contexto, o grupo é visto como a-histórico, e caso haja uma perspectiva histórica essa seria referente ao histórico de aprendizagem de cada indivíduo com os demais membros do grupo.

Em sua historiografia sobre grupos, Silvia Lane no texto “Processo Grupal”, contribui para o estudo em duas direções. Primeiro, o sentido da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com seus aspectos econômicos, institucionais e ideológicos. Segundo, o grupo deverá ser reconhecido enquanto um processo histórico, e sendo assim a autora defende que se fale em *processo grupal*, no lugar de grupo (Lane, 1988). Em se tratando de processo grupal Martins (2007) afirma:

Não se trata apenas de diferença na denominação, mas uma diferença profunda no fenômeno estudado. A partir dessa perspectiva, estamos afirmando o fato de o próprio grupo ser uma experiência histórica, que constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano e, ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressas nas contradições que emergem no grupo, articulando aspectos pessoais, características grupais, vivência subjetiva e realidade objetiva. (MARTINS, 2007, p. 77).

Comentando o trabalho de Pichon-Riviere, Lane (1988) destaca que o trabalho desse autor visa a análise sistemática das contradições que emergem nos grupos, através da compreensão das ideologias inconscientes, partindo para isso da análise das situações cotidianas para chegar a compreensão das pautas sociais internalizadas. Sobre sua perspectiva ela escreve:

Todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção, e, sob esse aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada. (Lane, 1988 p. 81).

É a partir dessas considerações, sobre a obra de Pichon-Rivière e Silvia Lane que se descreve a análise a experiência alvo desse trabalho.

### 3 A EXPERIÊNCIA

A experiência analisada teve sua origem em discussões durante a disciplina “Psicologia e a Arte”, Nesta disciplina buscávamos uma forma de utilizar os conteúdos apreendidos em intervenções clínicas e comunitárias. E como uma forma de produzir uma intervenção sócio-educativa, optou-se pela realização de uma peça teatral. A peça surgiu como uma proposta de se unir a Psicologia e a Arte na e com isso pretendia-se trabalhar questões como cidadania, higiene, solidariedade, diversidade, segurança e outros. Porém, após o término da disciplina, o grupo de alunos não continuou coeso para realização do projeto.

Durante outra disciplina “Teorias e Técnicas de Grupo” (TTG), alguns alunos, que fizeram parte da disciplina de “Psicologia e a Arte”, se reencontraram com o professor e decidiram concretizar o projeto. Para tanto se constituiu um novo grupo, dessa vez, formados pelos alunos da disciplina TTG e também, por outros que simpatizavam pela idéia e estavam dispostos a ajudar na confecção do projeto. Assim, o grupo era composto de 15 graduandos, matriculados entre o quinto e o nono período do curso, e o referido professor.

Com o grupo formado as discussões se re-iniciaram e a tarefa levantada era de construir um trabalho de extensão voltado para crianças dos primeiros anos do ensino fundamental. Essa tarefa fez com que uma nova peça fosse escrita, baseada na antiga peça que tratava de piolhos, trabalhava-se agora a idéia de prevenção à dengue. Assim, inaugurou-se o projeto “Educação para a cidadania”.

Na época, a cidade de Uberlândia, assim como várias cidades brasileiras, enfrentavam uma epidemia de casos de dengue. E foi essa temática de combate da Dengue, bem como os meios para sua prevenção e tratamento, que compunha o plano de fundo da estória, que era ainda complementada pelas características dos membros do grupo de atores/alunos, alusivas às origens étnicas, deficiências e as diferenças de rendimento acadêmico, com a inclusão de um personagem identificado facilmente com o esteriótipo de burrinho. Essas questões aliadas a postura ecológica e política que cabe a todo cidadão se entrelaçavam com personagens já consagrados da literatura infantil, que saíram dos seus estereótipos e passaram a ser o elo entre a fantasia e realidade infantil.

Nasceu, então, a peça “Os meninos e meninas lá de casa contra os perversos mosquitos da Dengue Futebol Clube”, a qual era uma atividade do projeto de extensão “Educação para a cidadania”. O objetivo era apresentar a peça nas escolas públicas da cidade, e na seqüência discutir com as crianças, e a equipe da escola, os temas levantados durante a apresentação. Os alunos participantes estavam distribuídos entre as seguintes personagens: três mosquitos da dengue, a Vovó Denga, a borboleta, Joãozinho, Mariazinha, suas respectivas mães, seu Onofre, três porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, Dona Baratinha e Lobo Mal. Participam da peça também o diretor e a sonoplasta. Os alunos que encarnam os personagens são acadêmicos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

A peça aborda a saga de quatro mosquitos da dengue, que com o auxílio de sua avó (Vovó Denga) querem conquistar o mundo com a dengue. Porém, um dos quatro mosquitos sempre se atrapalha e não consegue se adaptar aos outros mosquitos, ele sempre faz tudo errado. Ao fim da peça, descobre-se que na verdade esse mosquito é uma borboleta, outro é pouco inteligente e outro atrapalhado. Paralelo ao mundo dos insetos há o núcleo humano, no qual Joãozinho contrai dengue e junto com Mariazinha, e a família de ambos, partem para o combate aos mosquitos. Questões como o uso indiscriminado de medicamento, higiene e condição social são tratados nesse bloco. A mãe de Joãozinho não dispõe de tempo para levá-lo ao médico.

Perpassa a trama Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mal, Os Três Porquinhos e Dona Baratinha, remetendo ao imaginário infantil e introduzem novos temas, como o cuidado com o meio ambiente, que é agredido por Chapeuzinho, que espalha lixo e recipientes que podem juntar água parada, os porquinhos, que adoentados são conduzidos a serviços de saúde, Dona Baratinha, que faz festa em ambiente marcado pela sujeira e o Lobo Mal, que tanto assusta os mosquitos e é na verdade um agente sanitário preocupado em eliminar focos de dengue. Todos fora dos estereótipos de suas respectivas histórias originais.

A composição de cada personagem e o espaço que esse ocupou no enredo final, fugiu do roteiro estipulado e novas características e cenas foram incorporadas conforme o movimento que o grupo realizava, nos ensaios semanais de sexta à noite. A princípio eram encontros no horário de almoço, porém, conforme o grupo foi se constituindo houve a necessidade de maior tempo e interação. Com ensaios de mais de três horas, o momento do lanche final era cada vez mais relevante, pois além de se comer e rir, discutia-se o processo seriamente, ainda que sem se atentar para isso e muitos fenômenos de um processo grupal passaram a ocorrer.

Haja vista, que somos graduandos em psicologia e não atores profissionais, e que tínhamos pressa em estreitar, nosso talento não foi lapidado para as personagens, mas sim, as personagens adaptadas a cada ator. Seja devido à extensão da voz, a timidez, a deficiência física (um dos alunos/atores é cadeirante, com pouquíssimos movimentos) ou a origens étnicas (presença de negros e orientais) e porte físico de cada um. Essas mesmas características que inicialmente auxiliaram na divisão dos personagens, com o decorrer dos ensaios causaram recusas, resistências a mudanças, e no outro oposto, identificação e adesão imediata ao que se estava representando, refletindo situações vivenciadas pelos protagonistas em sua vida cotidiana. .

Com os ensaios também outras modificações ocorreram, personagens foram criados para membros que ainda não tinham e outros membros desistiram frente a personagens aos quais não se adaptaram. Mas o processo fez com que as dificuldades em interpretar um personagem fossem as características principais de outro, criado especialmente para a realidade do grupo.

#### **4 OS FENÔMENOS**

Os fenômenos analisados nessa experiência grupal se apresentam na formação do grupo de alunos que desenvolveram o projeto. Como já mencionado, só foi numa segunda montagem que o grupo se manteve e teve recursos suficientes para levar adiante os ensaios e a apresentação. Com essa nova composição, novas idéias surgiram e teve-se a necessidade de uma adaptação na peça, introduzindo um novo tema para plano de fundo, combate a Dengue, e novas cenas. Tais modificações sustentaram tanto uma contextualização da peça para a realidade vivenciada na cidade de Uberlândia, a eminência de uma epidemia de Dengue, como para a criação de novas cenas e personagens.

Com essa reformulação a maioria dos alunos/atores foram contemplados com personagens, que a partir de então deveriam ser adequados a cada um. Essa adequação ocorreu de forma dupla, tanto dos personagens para os alunos/atores, como deste para com seus respectivos personagens. Na seqüência se iniciou o processo de marcação de ensaios e a busca de um horário comum. As combinações e agendamentos ocorreram via e-mail, mostrando assim uma forma contemporânea de comunicação, possibilitando que todos os membros se expressassem.

Grande parte dos fenômenos analisados ocorreu durante os ensaios, seja por conta dos atrasos, nas ausências e pelo papel ocupado por determinados membros do grupo durante o processo. A estrutura do ensaio era basicamente: chegada – aquecimento – o ensaio propriamente dito – lanche. A postura tomada pelos alunos/atores em cada etapa citada representa muito do grau de pertença dos membros para com o grupo. Destaca-se aqui a pontualidade de alguns e o movimento de guiar os aquecimentos, e no outro extremo, os atrasos, as ausências e a recusa em se caracterizar como o personagem. Como no caso da personagem que na primeira apresentação estava com uma roupa que não era a estipulada para a personagem durante os ensaios e vestida como se para uma ocasião social. .

Esses fenômenos propiciam tanto pensar na pertença como na pertinência ao grupo, este último ressaltado quando um dos alunos/atores toma a posição de promotor e passa a, junto com o professor/diretor, coordenar e auxiliar na organização do ensaio. Criando-se assim, um vice-diretor que é aceito dentro do grupo.

Além desses ensaios que contava com todos os membros do grupo houve também momentos em que cada núcleo se mobilizou e marcaram ensaios separados. Esses ocorriam em horários a parte, e eram comandados pelos próprios alunos/atores. A existência, bem como o número desses, dependeu tanto do movimento dos alunos/atores de cada núcleo como da opinião dos demais membros sobre os ensaios grupais.

Ao final dos ensaios das sextas a noite ocorria sempre o lanche, no qual os alunos/atores de uma forma mais informal expressavam todas as conquistas e discórdias ocorridas. Nesse momento em específico, trabalhava-se também com a inclusão de um membro cadeirante, desde as críticas e elogios, como se fazia a todos, ao se ressaltar a importância da presença de pessoas com diferença significativa no trabalho e que isso não garantia a presença no trabalho e sem atenuar suas performances fracas, por conta da sua deficiência, como também no cuidado em auxiliá-lo na alimentação, no qual se reconhecia suas limitações físicas que não eram negadas.

Outra situação, de cooperação, diz respeito aos membros que inicialmente não tinham personagens, mas que ocuparam um lugar importantíssimo no desenvolvimento do projeto. Um destes assumiu o lugar de sonoplasta, que além das músicas auxiliava o professor/diretor na manutenção da ordem dos que não estavam em cena. Outros alunos/atores participavam como personagens que a princípio não faziam a menor falta e somente foram introduzidos para a própria inclusão destes membros, e que, com o decorrer dos ensaios se incorporaram tão bem a peça que foram cada vez mais ganhando espaço. Destaca-se aqui o crescimento dos porcos na peça, que inicialmente só cruzavam o palco e acabaram por se constituir em elo entre as cenas e deleite cômico do público que assistiu as apresentações. .

Por fim, outros fenômenos a serem analisados ocorreram na interpretação dos personagens. Alguns personagens delegados inicialmente a alguns atores por conta de suas características tiveram seus intérpretes mudados, devido a uma maior dificuldade ou ausência de tempo para um maior comprometimento com o trabalho, sem com isso serem excluídos. Dois casos exemplificam bem esses fenômenos. O primeiro diz respeito ao porco dois, um personagem pequeno que fusionado com seu intérprete passa a ter mais sentido e comicidade na peça, tanto que no final, ao pedir a palavra no enredo do teatro expressa tanto o anseio do próprio porco, um personagem sem falas durante toda a peça como do seu intérprete.

Outro caso refere-se ao ator que interpretava o papel da Vovó Denga, que foi trocado em função das dificuldades de fala e entonação do ator, neste caso o membro com deficiência, que foi substituído por outro aluno/ator. A mudança foi precedida por

um ato do diretor professor que prendeu outra aluna atriz em um carrinho de rodas e pediu para essa fazer a cena do aluno com deficiência com as mesmas limitações de movimento que ele, mostrando que o problema não estava na cadeira de roda. Tal ato causou impacto no grupo que tendia a atenuar tudo por causa dessa limitação.

## 5 ANÁLISE

A formação do grupo que construiu a peça se deu a partir de um longo processo de entrada e saída de membros. Deste processo constituiu-se um grupo de 15 alunos, que reformularam e deram início aos ensaios da peça. Constituído formalmente as reuniões passaram a ocorrer com maior frequência. E com essas a construção de um “modo de funcionamento” próprio do grupo, o qual era a base para os planejamentos e ações do elenco. Podemos associar a busca desse “modo de funcionamento” com o que Pichon-Rivière (1988) denominou de ECRO grupal. Isto é, um esquema referencial comum, sobre o qual se pautará a comunicação. Segundo esse autor, a elaboração do ECRO é a tarefa principal do grupo.

Interessante pensarmos que para a elaboração do ECRO a existência, ou não, de características prévias comuns entre os indivíduos não é um fator determinante. Por exemplo, a princípio o grupo era composto por alunos de uma mesma disciplina, da qual mais de 50% dos estudantes eram de uma mesma turma. Mesmo assim não se estabeleceu entre esses uma comunicação efetiva. Já o grupo totalmente heterogêneo, com indivíduos de períodos, classes sociais, gostos musicais, interesses acadêmicos diferentes, ocorreu uma comunicação grupal, sob a qual se desenvolveu o projeto.

Mesmo com os membros já definidos e em processo de constituição dos personagens e do lugar de cada um, enquanto membros de uma equipe maior, a saída de um dos membros foi inevitável. Nesse episódio pode-se analisar tanto a posição da pessoa frente ao grupo como a sua personagem.

Doralice foi uma das personagens acrescentada na reformulação do roteiro que participaria do núcleo humano da trama com o intuito de minimizar o peso da cena, que um monólogo da mãe de Mariazinha e proporcionar a possibilidade de todos os membros terem um papel na história. No entanto, a intérprete e a personagem não se encontraram. Porém, a sua saída do grupo não se justifica por esse evento isolado, pois outros “atores” também foram remanejados e ainda sim continuaram coesos. Nesse caso o membro que deixou o grupo porque não conseguiu partilhar das formas de comunicação e interação que o grupo construía.

Ou seja, sua postura de resistência a impediu de participação na construção do ECRO grupal ou de se reconhecer nela, de tal forma que a comunicação no grupo não lhe fazia sentido. Não ocorreu um fortalecimento do ego individual, frente ao grupo, que possibilitasse a quebra da resistência à mudança para a captação do novo, e a sua saída foi tranquilamente assimilada pelo grupo. Pichon-Rivière (1988).

Com a saída da, até então, Doralice novas modificações ocorreram. A antiga mãe vai para o papel de Doralice, agora não mais manicure e, sim, vendedora de perfumes e a “aluna/atriz” que era o porco 1, acumulou os papéis de mãe e porco. Nesse momento a tarefa e a necessidade explícita do grupo era a distribuição das personagens para que se iniciasse os ensaios gerais. O sentimento de pertença aliado a plasticidade facultava – em alguns momentos, ressalte-se – o livre trânsito dos atores por personagens. Outras modificações aconteceram e a que se segue é emblemática da experiência que se relata.

Como já foi mencionado, um dos membros do grupo é cadeirante e este estava no papel de Vovó Denga, a matriarca de todos os mosquitos da dengue. O processo foi prejudicado com algumas limitações do ator, extra deficiência, que acabavam por frear o processo do grupo, fazendo-o voltar sempre para a pré-tarefa, já que subtrair o referido aluno do papel era sentido pelo grupo como excluí-lo, o que ia em direção contrária a todas discussões sobre inclusão social e até mesmo um dos propósitos do grupo.

No entanto, antes de analisarmos a maneira como tal situação foi resolvida, via a presença de um porta-voz, cabe analisarmos uma situação que ocorreu quando a Vovó Denga ainda era interpretada pelo membro cadeirante. Em uma de suas falas a personagem deveria dizer um palavrão, o qual não era parte de seu vocabulário. Com insistência geral, acabou por pronunciar, o que gerou grande excitação por parte de todos, já que o incluía entre as pessoas que xingam. Há duas formas de vê-lo nesse ato, seja como bode expiatório ou como porta-voz do grupo.

Considerando como bode expiatório aquele membro que se torna o depositário de todos os aspectos negativos e atemorizantes do grupo ou da tarefa, Pichon-Rivière (1988), no caso as limitações e o fato da sua condição física intensificar a dificuldade de interpretar, dificuldade essa também vivida pelos demais membros. Seus erros, e acertos acabaram por se tornar válvulas de escape de todo grupo.

A mesma situação possibilita ver o movimento de dizer ou não o palavrão como um porta-voz do que acontecia, seja nos momentos do lanche final ou do próprio auxílio que cada um lhe prestava, seja levando-o ao banheiro, subindo uma rampa, dando água etc. Ou seja, um movimento de querer ajudar, incluir no grupo, criar uma comunicação própria (esquema referencial comum), contra-balanceado pelos referências próprios de cada, e a maneira que vêem a questão da deficiência. Assim o palavrão indicava um movimento na outra mão, uma adesão a linguagem do grupo e a tarefa.

Com o decorrer dos ensaios foi se constatando que a interpretação da personagem Vovó Denga não estava atendendo as expectativas do grupo. No entanto, a situação sempre foi escamoteada, via adaptação de outros personagens ou do texto. Porém, em certo momento dos ensaios próximos da estréia o coordenador do grupo explicita o problema a ser trabalhado e resolvido. O grupo não iria pra frente enquanto mantivesse uma atitude de complacência com o referido ator, atribuindo a sua deficiência coisas que ela não causava, o que se caracteriza como uma desvantagem social, tal como definido por Amaral (1995). Assim, o coordenador assumiu o papel de porta-voz no grupo, o coordenador-porta-voz.

Com relação ao grupo, observa-se que o explicitado pelo porta-voz é uma problemática grupal. Esta resulta como um produto dos alunos membros do grupo entre si e com o coordenador. A perda do papel da Vovó Denga representou para o grupo um choque. Cai-se em uma contradição: a proposta era a de educar para a cidadania e destituía-se o ator deficiente de seu papel?

Enfim, essa é uma das conclusões desse processo, entre inúmeros fenômenos grupais que aconteceram, o grupo se reencontra com os apontamentos de Lane (1988) e vê em seu processo uma repetição do que acontece na sociedade. Descobre-se que incluir não é sentir pena, mas reconhecer diferença e aceitá-la. A consequência foi uma reação do grupo ao diretor que entrou numa situação de conspiração, no sentido de oposição à mudança. Uma nova vovó Denga foi reconfigurada e um novo personagem, que dava a senha do que acontecia na trama foi elaborado para o ator com deficiência. Como havia acontecido com a maioria dos personagens, quantitativamente menor, como era possível, mas fruto do mesmo processo que construiu todos ou outros, e suficiente para possibilitar a esse aluno a mesma experiência que todos os outros experimentaram.

O grupo encontrou saída para a contradição vivenciada a partir da urgência da mudança dos papéis cênicos, na sua mudança de atitude em relação à inclusão após analisar suas resistências as mudanças que lhe reconduziram a pré-tarefa e travou o andamento do trabalho

Conforme afirma Pichon-Rivière (1988) perante a necessidade em realizar a tarefa, os papéis se tornam intercambiáveis e o grupo se torna operativo, pronto para encarar as tomadas de decisões. O grupo passou a se centrar na realização da peça e os problemas surgidos antes da estréia foram solucionados no grupo, que entrou em cena mesmo tendo de substituir na última hora um dos atores que adquiriu caxumba, mudando os dois atores de personagens. As diferentes grades horárias e ocupações não permitiram muitas apresentações, mas esse aluno com deficiência experimentou o palco com os demais e junto com esses, sua comicidade e digamos, sua habilidade como ator.

## 6 CONCLUSÕES

Há que se ressaltar que esse trabalho não teve em sua origem uma preocupação em se prestar a uma análise sistemática de processos grupais. Se isso se faz é porque, como mostra Pichon-Rivière, foi uma experiência significativa. O espaço não possibilita que se estenda na análise, mas a principal conclusão, ou constatação, é de que o grupo precisava ser trabalhado em relação aos temas aos quais se julgava capaz de promover uma 'educação para a 'cidadania''. Não que isso não seja defensável como proposta, mas há que se encarar o fato de que, como grupo, carregava as mesmas contradições da sociedade que escolheu como alvo de sua intervenção.

## 7 REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L.M. (org.). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

AMARAL, L.A. **Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BLEGER, J. Grupos Operativos no ensino. In: **Temas de Psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

CARTWRIGHT, D. & ZANDER, A. **Dinâmica de grupo**. São Paulo: Editora Herder, 1967, v. 1.

KAMKHAGI, V. R. Horizontalidade, verticalidade e transversalidade em grupos. In: BAREMBLITT, G. **Grupos: teoria e técnica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986, pp. 205-215.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: S. Y. M. Lane & W. Codo (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, pp. 78-98.

MARTINS, S. T. F. Psicologia Social e Processo Grupal: A coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade**, 19 (2), p.76-80, 2007.

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos – atualidade das descobertas de Kurt Lewin.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O Processo Grupal.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.